Dia 12 de junho de 2026

Tarde

Palestra de encerramento: O capitalismo e as lutas referentes ao conhecimento em educação

Convidado: Professor Dr. Newton Duarte (UNESP)

Debatedores: Profa. Dra. Célia Tanajura Machado (UNEB) e Prof. Dr. Welington Araújo Silva (UEFS)

SÍNTESE

Célia Tanajura Machado[51]
Welington Araújo Silva[52]

[51] Doutora em Educação pela UFBA, mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sul da Bahia (UESB). É professora da UNEB, integrante da RedeEPT-BA e da REDAP, líder do grupo de pesquisa Lavoro e docente dos programas de pós-graduação GESTEC e Educação e Contemporaneidade. Atua nas áreas de Educação Profissional, gestão educacional, políticas públicas, formação de professores, legislação educacional e gestão da educação básica e superior.

[52] Doutor em Educação pela UFBA, mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e licenciado em Educação Física pela UFBA. É docente da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), coordenador do LEPEL/UEFS e membro da REDAP. Atua nas áreas de Educação Física, formação de professores, metodologia do ensino e da pesquisa e tecnologias da informação e comunicação aplicadas ao trabalho pedagógico. Possui experiência na gestão educacional, tendo integrado e presidido comissões do Conselho Estadual de Educação da Bahia, além de

Nas disputas travadas no âmbito do capitalismo em relação ao conhecimento escolar, identifica-se, claramente, as contradições inerentes às relações capital e trabalho. Ao capital interessa, em muito, o conhecimento transmitido e/ou produzido pela escola pública. Nela se encontram matriculados, em massa, os filhos e filhas dos trabalhadores. Torna-se, então, importante para o capital que a formação dos trabalhadores se dê a partir de seus interesses, por meio de uma educação interessada e a serviço de um modelo de sociedade de liberal e de mercado, voltado ao controle, à submissão, à adaptação e à aceitação acrítica de paradigmas estabelecidos a partir dos interesses de uma elite burguesa.

Como uma das conquistas duramente "arrancada ao capital" (Marx, 2006, p. 116), a escola dos trabalhadores, nas sociedades capitalistas, torna-se "condição obrigatória para o trabalho" (Marx, 2006, p. 111). Maurício Tragtenberg (2018, p. 184), ao analisar a relação entre o trabalho e a educação e a divisão do trabalho na produção da indústria capitalista, argumenta que "[...] o desenvolvimento do capitalismo leva à necessidade da universalização do saber ler, escrever e contar. A educação já não se constitui ocupação ociosa e sim uma fábrica de homens utilizáveis". Assim sendo, quanto ao conhecimento disseminado na escola pública, a relação trabalho e educação, em constante movimento, é ubíqua e indissociável. Se por um lado, a educação do trabalhador encontra-se, permanentemente, na

atuar na pós-graduação em Educação e na produção acadêmica sobre educação, esporte e lazer.

agenda do capital, ela é condição necessária para a sobrevivência da classe trabalhadora.

Em diferentes momentos, a partir do final do século XIX, os interesses do capital se expressam e moldam a escola pública. No âmbito das primeiras revoluções industriais, definem sua organização (Pinto; Antunes, 2017), sua arquitetura e a dominação dos corpos (Foucault, 2009). A partir dos anos 1920, os interesses se voltam, mais aprofundadamente, aos conteúdos a serem ensinados, ao que se podia e o que não se podia aprender. Dessa maneira, o material didático (como se torna conhecido o conjunto de materiais escritos disseminados nas escolas como guias para professores e estudantes) passa a fazer "[...] parte de um circuito pedagógico e cultural, é produto de uma época e, como tal, revela o que essa época delegou à escola em seu projeto de nação". (Bertoletti; Silva, 2016, p. 379). Nos anos de 1970, no Brasil, cresce o interesse pela formação dos professores e a definição de parâmetros e diretrizes curriculares para todas as escolas do território nacional, a partir da articulação entre os entes federados, com e sem as orientações e acordos firmados com Organizações Internacionais (Machado; Ferreira, 2022), cujo registro mais atual se encontra no conjunto de Resoluções aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação, a partir de 2016.

Todavia, para o capital, o domínio da educação e da formação dos trabalhadores a partir da configuração da escola pública e da ação direta do Estado não se tornou suficiente. Desde os anos 1990, os Aparelhos Privados de Hegemonia se fazem presentes nos processos de escolha e organização dos

conhecimentos escolares. Sena, Santos e Rios (2025, p. 4), em importante artigo sobre a temática, apontam que eles "[...] avançam em suas agendas e, em rede, apropriam-se de todas as áreas e setores educacionais, captam recursos públicos, ocupam espaços dentro dos órgãos do estado e nas instâncias de decisão com alta influência nas políticas educacionais".

Aos sujeitos da escola pública, trabalhadores e estudantes, cabe a luta pela inversão desse estado de coisas. Se aos representantes do capital importa o controle sobre o conhecimento disseminado na escola pública e a formação dos trabalhadores, conforme os ideais e determinantes que lhes convém, aos sujeitos sociais em resistência, com o intuito de construir as bases de uma nova forma de ver e viver a vida no futuro, formar uma nova consciência, uma nova ordem social "qualitativamente diferente" e "historicamente sustentável" (Mészáros, 2008, p. 115).

Referências

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani; SILVA, Márcia Cabral da. Cultura escrita na escola primária: a circulação de livros didáticos para ensino de leitura (1928-1961). **Revista Brasileira de História de Educação**, v. 16, n. 1, p. 373-403, 2016. Disponível em: https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/40777. Acesso em: 12 out. 2026.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MACHADO, Célia Tanajura; FERREIRA, Liliana Soares. Políticas transnacionais na educação básica e o trabalho pedagógico na escola.

In: BAIRROS, Mariângela; MARCHAD, Patrícia. **A educação básica tem futuro?** Porto Alegre, RS: CirKula, 2022.

MARX, Karl. **O Capital** - Crítica da Economia Política. Livro Primeiro: o processo de produção do capital. Tomo 2 (Capítulos XIII a XXV). São Paulo: Editora Nova Cultural, 2006.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

PINTO, Geraldo Augusto; ANTUNES, Ricardo. **A fábrica da educação**: da especialização taylorista à flexibilização toyotista. Cortez Editora, 2018.

SENA, Ivânia Paula Freitas de Souza; SANTOS, Valéria Prazeres dos; RIOS, Roseane Oliveira. A atuação dos aparelhos privados de hegemonia para controle da educação. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 21, n. 52, p. 1-24, 2025. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/16851. Acesso em: 12 out. 2026.

TRAGTENBERG, Mauricio. A Escola como organização complexa. **Educ. Soc**., Campinas, v. 39, n. 142, p. 183-202, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/pnS8pJwmqZQmy74Nq4dKpHf/?lang=pt. Acesso em: 12 out. 2026.